

## **INTRODUÇÃO**



Em 1926, Fernando Pessoa foi um dos inúmeros intelectuais portugueses que receberam com expectativa e até com esperança a chamada «Revolução Nacional» de 28 de Maio. A posição de Pessoa está perfeitamente expressa no opúsculo que publicou em 1928, intitulado *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*. A entrada em cena de Oliveira Salazar não alterou substancialmente a apreciação que o poeta fazia da situação. O lente de Coimbra não o empolgava, ao contrário do que havia sucedido com Sidónio Pais, mas apreciava o modo como, através da gestão política da sua acção nas finanças públicas, se havia transformado na figura carismática do novo regime.

O conservadorismo extremo de Salazar, sobretudo, nunca mereceu a simpatia de Fernando Pessoa, e a sua preocupação ia aumentando à medida que se apercebia da influência crescente na doutrina política do Estado Novo da ideologia do Integralismo Lusitano. Inquieta-o igualmente alguma macaqueação que ia sendo feita pelo poder político português de iniciativas e rituais próprios dos regimes totalitários da Itália e da Alemanha.

Em 1935, dois acontecimentos vêm acabar com todas as ilusões pessoais relativamente a Salazar e ao Estado Novo: a aprovação, pela Assembleia Nacional, de um projecto de lei, apresentado pelo deputado José Cabral,

que proibia as Sociedades Secretas (como a Maçonaria) e a intervenção do Presidente do Conselho de Ministros na cerimónia de atribuição dos Prémios do Secretariado da Propaganda Nacional, em que a *Mensagem* foi um dos livros distinguidos, em 21 de Fevereiro.

A apresentação do projecto de José Cabral motivou da parte de Pessoa a redacção de um extenso artigo, intitulado «Sociedades secretas» e publicado em 4 de Fevereiro, no *Diário de Lisboa*. O resultado, no entanto, não foi o pretendido pelo autor de «Chuva Oblíqua». Em vez da compreensão que ingenuamente esperava, viu-se cruelmente criticado e insultado pela imprensa afecta ao regime.

Em 1934, Salazar tinha proibido o Movimento Nacional-Sindicalista (da extrema-direita monárquica e católica), fundado por Rolão Preto em 1932 e apresentado publicamente em Fevereiro de 1933. O Chefe de Governo conseguiu, no entanto, atrair para a órbita do Estado Novo uma parte significativa dos elementos desse grupo político, que, nos seus dias áureos, terá chegado a ter algumas dezenas de milhar de aderentes. Era justamente do grupo nacional-sindicalista de Coimbra que provinha José Cabral. Talvez esta circunstância permita compreender que tenha sido Rolão Preto, com muitos motivos para estar agastado com o seu antigo correligionário, a única voz a apoiar explicitamente — no *Fradique* — o protesto lavrado por Fernando Pessoa nas páginas do *Diário de Lisboa*.

Quanto à intervenção de Salazar, compreende-se pela leitura das cartas ou projectos de cartas ao Presidente da

República e a Adolfo Casais Monteiro o motivo da irritação de Pessoa: a imposição de vexatórias directrizes políticas aos intelectuais portugueses. Refira-se, contudo, que Salazar se limitou a ler, na cerimónia, um excerto do prefácio do primeiro volume dos seus *Discursos* (1928-1934), que seriam publicados pela Coimbra Editora, apelando realmente à responsabilidade social dos escritores. Não tivesse já Fernando Pessoa uma posição bem definida relativamente à figura e à personalidade política do Chefe do Governo e é bem possível que aquelas mesmas referências não tivessem sobre ele o mesmo efeito de indignação. Transcrevo do jornal *Novidades* de 22 de Fevereiro de 1935 (o texto é quase integralmente coincidente com o que figuraria no livro), para que o leitor possa fazer o seu próprio julgamento, dois parágrafos da intervenção de Salazar:

Quando Bourget pôs em *Le disciple* a tese da responsabilidade do escritor pelos efeitos da sua obra na inteligência e na moral dos seus admiradores ou sequazes, parece ter-se operado um movimento de espanto sobretudo nos que tendiam a formar da literatura e da arte mundos à parte, bastando-se a si próprios, tendo em si mesmos a sua finalidade e razão de ser, e não viam nelas manifestações humanas, integradas na vida, e susceptíveis de a embelezar, de a melhorar, de ajudar o homem na conquista dos seus fins superiores. Estes desconheciam as profundas realidades humanas, perderam a rota das grandes certezas morais, criaram o amoralismo e a arte pela arte, como frutos lindos de ver-se mas inaproveitá-

veis ou nocivos. Na melhor das hipóteses desperdiçou-se o génio, em prejuízo da humanidade.

A tese da responsabilidade pode continuar a discutir-se teoricamente, abstractamente; mas aos homens que sentem sobre os ombros o peso da direcção dos povos ensinou-lhes a história quando não a observação própria, coincidir a decadência com certas manifestações mórbidas das inteligências e das vontades, com a pretensa emancipação do jugo de regras superiores, impostas ao homem e oriundas da sua natureza e dos seus fins. Para elevar, robustecer, engrandecer as nações é preciso alimentar na alma colectiva as grandes certezas e contrapor às tendências de dissolução propósitos fortes, nobres exemplos, costumes morigerados.

Apesar de vários dos poemas e textos em prosa que se seguem não serem datados, estou convicto de que só dois deles (os dois primeiros fragmentos em prosa) não estão directamente relacionados com esta dupla decepção do poeta. Esses dois documentos dissonantes constituem uma resposta ao discurso de Salazar, então ainda apenas Ministro das Finanças, na apresentação da União Nacional, em 30 de Julho de 1930.

Confirma-se também que tanto o título do poema «Liberdade» como as referências às finanças têm como destinatário e referente o ditador de Santa Comba. Cronologicamente é este poema — redigido poucos dias depois do início dos ataques políticos a Fernando Pessoa na imprensa catódica e estado-novista — que inaugura o ciclo poético anti-salazarista,

que começa timidamente para acabar de modo explosivo.

Nenhum dos textos que se seguem é inédito, mas só o artigo «Sociedades secretas» foi publicado — como referi — em vida do poeta, e de todos os outros, apenas o fragmento que começa «Não é que não publique porque não quero» foi divulgado antes de Abril de 1974, no volume intitulado *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, realizado sob a responsabilidade de Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho (Lisboa, Ática, 1966). Alguns dos poemas já são conhecidos desde os anos 70 do século XX, enquanto outros só foram divulgados em recentes edições da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (*Edição Crítica de Fernando Pessoa*) e da Assírio & Alvim (*Obras de Fernando Pessoa*). As cartas a Casais Monteiro e Marques Matias conheceram já diversas publicações. Os restantes textos foram anteriormente publicados nos volumes *Da República (1910-1935)*, organizado por Joel Serrão (Lisboa, Ática, 1979) e *Pessoa Inédito*, com coordenação de Teresa Rita Lopes (Lisboa, Livros Horizonte, 1993).

Agradeço ao meu colega António Manuel Rebelo a sua preciosa ajuda para a compreensão das expressões latinas.



## **POESIA**



## **LIBERDADE**

Ai que prazer  
Não cumprir um dever,  
Ter um livro para ler  
E não o fazer!  
Ler é maçada,  
Estudar é nada.  
O sol doura  
Sem literatura.  
O rio corre, bem ou mal,  
Sem edição original.  
E a brisa, essa,  
De tão naturalmente matinal,  
Como tem tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.  
Estudar é uma coisa em que está indistinta  
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,  
Esperar por D. Sebastião,  
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...  
Mas o melhor do mundo são crianças,  
Flores, música, o luar, e o sol, que peca  
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto  
É Jesus Cristo,  
Que não sabia nada de finanças  
Nem consta que tivesse biblioteca...

16-3-1935

**[ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR]**

António de Oliveira Salazar.  
Três nomes em sequência regular...  
António é António.  
Oliveira é uma árvore.  
Salazar é só apelido.  
Até aí está bem.  
O que não faz sentido  
É o sentido que tudo isto tem.

29-3-1935



**[ESTE SENHOR SALAZAR]**

Este senhor Salazar  
É feito de sal e azar.  
Se um dia chove,  
A água dissolve  
O sal,  
E sob o céu  
Fica só o azar, é natural.

Oh, c'os diabos!  
Parece que já choveu...

*Um sonhador nostálgico do  
abatimento e da decadência<sup>1</sup>*

29-3-1935



## [COITADINHO DO TIRANINHO]

Coitadinho  
Do tiraninho!  
Não bebe vinho,  
Nem sequer sozinho...

Bebe a verdade  
E a liberdade,  
E com tal agrado  
Que já começam  
A escassear no mercado.

Coitadinho  
Do tiraninho!  
O meu vizinho  
Está na Guiné,  
E o meu padrinho  
No Limoeiro  
Aqui ao pé,  
E ninguém sabe porquê.<sup>2</sup>